

**A PANDEMIA DE COVID-19 EVIDENCIANDO A DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO:
expressões de mulheres em home-office**

CECÍLIA DA SILVA

UNIVERSIDADE DO GRANDE RIO PROFESSOR JOSÉ DE SOUZA HERDY (UNIGRANRIO)

ANA CAROLINA DE GOUVÊA DANTAS MOTTA

UNIVERSIDADE DO GRANDE RIO PROFESSOR JOSÉ DE SOUZA HERDY (UNIGRANRIO)

**A PANDEMIA DE COVID-19 EVIDENCIANDO A DIVISÃO SEXUAL DO
TRABALHO: expressões de mulheres em *home-office***
*THE COVID-19 PANDEMIC AS A SPOTLIGHT ON THE SEXUAL DIVISION OF LABOR:
expressions of women in the home office*

Introdução

Ao longo da História da humanidade ocorreram alguns embates relacionados com as crises endêmicas. Sendo que, quando uma crise endêmica toma grandes proporções, contaminando diferentes regiões, seja em âmbito continental ou mundial, adota-se a terminologia pandemia. Dentre as principais pandemias sofridas na História, destacam-se: a Varíola, que tem sua presença apontada desde o 430 a.C. em Atenas, a qual afligiu o mundo sobretudo entre os séculos XI e XIX; a Peste Bubônica no século XIV, responsável pela Peste Negra; a Cólera no século XIX; a Gripe Espanhola no século XX; e a Gripe Suína (H1N1) e a Covid-19 (causada pelo novo coronavírus - SARS-coV-2) no século XXI (FERRAZ, 2020).

Todas as doenças citadas associam-se a mortalidade em massa, gerando medo nas pessoas. Isso porque, desde sempre, é nato ao ser humano temer por sua vida, especialmente quando percebe a sua fragilidade frente a uma doença conexas à morte. No caso da Covid-19, em março de 2023, a doença associava-se a mais de 700 mil óbitos só no Brasil, enquanto no mundo, até este mesmo período, havia ocasionado mais de seis milhões de óbitos (BRASIL, 2023; OMS, 2023). Porém, ainda em seu surgimento, em março de 2020, quando foi decretada a pandemia de Covid-19 pela Organização Mundial de Saúde (OMS), ficou clara a fragilidade humana frente à doença. Fato que trouxe, para alguns, pensamentos oportunos acerca da ressignificação humana e de algumas questões ligadas à cultura social.

Sobretudo, porque dentre as medidas preventivas no combate à doença, até então uma temível inimiga desconhecida, destacou-se a adoção do isolamento/distanciamento social, que culminou no fechamento temporário de instituições, como, por exemplo, escolas e escritórios (públicos e privados). Um fato que colocou um holofote na questão da divisão sexual do trabalho, haja vista que implicou na utilização massiva do *home-office*, ou seja, trabalhadores e trabalhadoras passaram a realizar suas funções profissionais em suas residências. As tarefas públicas adentraram o ambiente que antes associava-se apenas com o trabalho privado das tarefas domésticas. Uma miscelânea que teve maior ênfase para as mulheres, visto que a cultura social cunha como atribuição feminina as tarefas domésticas.

Um cenário que abriu uma janela temporal no estreito laboral feminino, que mesmo com os seus avanços profissionais no âmbito do trabalho público, ainda está atrelado às tarefas domésticas, envolvendo os cuidados com a casa e os familiares. Sendo a melhor tradução deste recorte em meio a pandemia, as palavras das sociólogas Danièle Kergoat e Helena Hirata, estudiosas da temática divisão sexual do trabalho, que relatam: “[...] tudo muda, mas nada muda” (KERGOAT e HIRATA, 2007, p. 600).

Sendo assim, o objetivo do presente estudo foi justamente explorar a realidade das mulheres brasileiras na divisão sexual do trabalho no decorrer da pandemia de Covid-19. Utilizando, para tanto, o lugar de fala de mulheres que trabalharam em *home-office* no período temporário de isolamento/distanciamento social em 2020. Aferindo, por meio de uma pesquisa de campo, expressões acerca da realidade da divisão sexual do trabalho na contemporaneidade das mulheres brasileiras, estabelecendo assim um estudo de ordem qualitativa (LAKATOS e MARCONI, 2010).

Referencial teórico

Antes de se fazer uma imersão nos teores que competem a divisão sexual do trabalho, cabe destacar, que olhar para a desigualdade no trato entre homens e mulheres no seio social não é um privilégio do século XXI. Trata-se de uma questão arraigada ao longo da História da

humanidade, que traz consigo a perpetuação do poder masculino, centrando-se na manutenção do patriarcado (MATTOS, 2019).

Pode-se até trazer à tona, mesmo atualmente, o pensamento do filósofo cartesiano de Poulain de La Barre (1647-1725), que apontou, ainda no século XVII, para a desigualdade entre homens e mulheres, tendo-a como uma verdade acumulada ao longo do tempo. Para ele, a inferioridade feminina deveria inexistir, para assim dar lugar a igualdade entre homens e mulheres, situação que não permitiria a perpetuação do discurso misógino (MATTOS, 2019). No entanto, quatro séculos depois, nos quais surgiram diferentes porta-vozes da busca pela igualdade entre homens e mulheres, incluindo a fortaleza do Movimento Feminista iniciado no século XIX, a desigualdade ainda se mantém, isto mesmo havendo alguns avanços no campo profissional, político e acadêmico. Avanços que foram conquistas na luta contra a inferioridade feminina na cultura social, sendo importante destacar algumas personalidades desta caminhada evolutiva: Simone de Beauvoir (1908-1986), Betty Friedan (1921-2006), Kate Millet (1934-2017), Juliet Mitchell (1940-) (CISNE, 2015).

Agora, face a tal panorama perpetuado do poderio masculino ao longo dos séculos, pode-se pinçar um ponto importante deste ambiente de desigualdade entre os homens e as mulheres, que é o entendimento acerca da divisão sexual do trabalho. Uma terminologia que surgiu na década de 1970 na França no curso do Movimento Feminista, visando estabelecer uma conceituação que incutisse às tarefas domésticas o valor de trabalho (KERGOAT e HIRATA, 2007).

Atenta-se que, ao longo do tempo, cultivou-se na cultura social o entendimento de que as habilidades dos homens e das mulheres possuíam determinação biológica. Uma abordagem que operou, e opera, no conhecimento coletivo, traduzindo-se da seguinte forma: os homens têm atuação especificamente voltada para a vida pública; já as mulheres possuem a exclusividade de atuação voltada para a vida privada, abrangendo as tarefas domésticas (KERGOAT e HIRATA, 2007).

De tal modo, estabeleceu-se, no curso da História, uma divisão dicotômica relacionada ao contexto do trabalho, calcada nos direcionamentos para o ambiente público e privado, tomando por base, para tanto, o sexo biológico (MATOS e ALBUQUERQUE, 2023). Assim, entende-se que a divisão sexual do trabalho se estabeleceu historicamente e socialmente, incutindo posicionamento diferenciado entre homens e mulheres, sendo que para os homens estabeleceu-se um lugar e atividades com maior valor social (KERGOAT e HIRATA, 2007).

A divisão sexual do trabalho resulta de um sistema patriarcal capitalista que por meio da divisão hierárquica entre os sexos, confere às mulheres um baixo prestígio social e as submete aos trabalhos mais precarizados e desvalorizados. Há, portanto, uma determinação social e não natural, para a existência da divisão sexual do trabalho (CISNE e SANTOS, 2018, p. 118).

Existe, portanto, papéis laborais masculinos e femininos que atendem ao capitalismo, que objetivam a lucratividade e a diminuição de custos na reprodução da força de trabalho. Até porque, as tarefas domésticas, ditas como femininas, não são tidas como trabalho, sendo consideradas como um dom da natureza feminina sem a necessidade de remuneração (CISNE, 2015). Todavia, deve-se destacar que, quando se contrata uma pessoa para fazer as tarefas domésticas, este trabalho passa a ter remuneração, qualificando-se como produtivo. Em contrapartida, quando feito pela mulher em sua própria residência é qualificado como improdutivo, posto não gerar renda (CISNE e SANTOS, 2018).

Pode-se apontar como tarefas domésticas o cuidar dos filhos e familiares, incluindo o cônjuge, lavar e passar roupa, limpar a casa e cozinhar. Além disso, cabe as mulheres ser o pilar de apoio no processo educacional dos filhos, sendo a principal ponte de comunicação com as instituições escolares dos filhos e, também, ser o apoio emocional dos cônjuges em suas questões profissionais e privadas. Há, portanto, uma carga física e emocional no conjunto de

tarefas laborais ditadas como feminina, isto sem destacar o peso do afeto envolvido em tamanha dedicação aos outros, especialmente no quesito maternidade (ZANELLO *et al.*, 2022).

Quem mais se beneficia do dispositivo materno das mulheres são os homens. Enquanto elas cuidam deles, por eles e para eles (não só da casa, dos filhos, mas colocando energia pessoal nos projetos deles), os homens podem cuidar e investir sua energia em si mesmos e em seus próprios projetos. Em termos de pedagogia afetiva e processos psicodinâmicos de constituição subjetiva dos homens, trata-se do egocentrismo. Ou seja, no tornar-se homem, o que se aprende é a priorizar sempre os próprios interesses, anseios e desejos. Neste sentido, homens brasileiros têm aprendido muito pouco a cuidar e têm cuidado muito mal (ZANELLO *et al.*, 2022, p. 2-3).

De tal maneira, constata-se que há uma responsabilidade laboral feminina na esfera do trabalho privado, a qual não tem remuneração, que acaba somando-se com as atividades profissionais remuneradas das mulheres na esfera do trabalho público. Visto que, hoje em dia, devido as reivindicações feministas, principalmente nos dois últimos séculos, as mulheres passaram a fazer parte do mercado de trabalho, inserindo-se no labor da esfera de trabalho público (MATOS e ALBUQUERQUE, 2023).

Portanto, não é o sexo biológico que vai determinar as atuações no trabalho. As mulheres têm cada vez mais se inserido em ocupações que eram tipicamente masculinas, como as engenharias, tecnologias, e, inclusive, na construção civil, que demanda força física (MYRRHA, 2021, p. 1).

No entanto, observa-se dois pontos distintos nesta ambientação feminina, inerentes aos trabalhos público e privado, sendo: i) as tarefas domésticas, cunhadas como de ordem feminina, se mantêm vivas na cultura social; e ii) as tarefas profissionais passaram a amalgamar mulheres e homens no mercado de trabalho. Ou seja, a divisão sexual do trabalho modificou-se significativamente somente na esfera de trabalho público. Portanto, atualmente, as mulheres trabalham concomitantemente em ambas as esferas de trabalho, pública e privada (CISNE e SANTOS, 2018).

Desta maneira, “[...] mesmo com a inserção das mulheres no mercado de trabalho, elas continuam com as responsabilidades domésticas não remuneradas enfrentando extensa jornada de trabalho” (MATOS e ALBUQUERQUE, 2023, p. 45). Além disso, encaram oportunidades e condições diferentes dos homens no mercado de trabalho, o que implica em baixos salários e insuficiente proteção trabalhista. Segundo levantamento do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2019, somente 37,4% dos cargos gerenciais em vida pública no país eram ocupados por mulheres (IBGE, 2021). Logo, os cargos de maior aporte hierárquico associam-se como função destinada aos homens.

Dentro deste contexto, percebe-se a existência de dois princípios intrínsecos a divisão sexual do trabalho, sendo: “[...] o princípio de separação (existem trabalhos de homens e trabalhos de mulheres) e o princípio hierárquico (um trabalho de homem “vale” mais que um trabalho de mulher)” (KERGOAT e HIRATA, 2007, p. 699).

Apesar de habitar num entendimento lógico, a sobrecarga de trabalho na vida das mulheres, ainda que na sociedade contemporânea, faz parte de uma cultura social preservada e perpetuada, que pode ser tida como um lugar comum, o qual já se está acostumado e que ninguém imagina poder ser modificado. Todavia, o contexto da pandemia de Covid-19 colocou um holofote na situação da sobrecarga de trabalho das mulheres, como se iluminasse um ponto que parecia estar invisível aos olhos da sociedade. Haja vista, que devido a medida preventiva de isolamento/distanciamento social contra a doença, as famílias ficaram reclusas em seus lares, trazendo atenção para a questão do valor trabalho doméstico. Sendo que, “[...] historicamente, são as mulheres as responsáveis pelo cuidado dos lares, dos filhos e por quem está ao seu redor.

Por isso, agora vivenciam uma enorme sobrecarga amplificada na pandemia” (MATOS e ALBUQUERQUE, 2023, p. 45).

Neste estreito, destaca-se o levantamento da Sempreviva Organização Feminista (SOF), feito em abril e maio de 2020 com 2.641 mulheres. Destas, 41% afirmaram ter trabalhado mais durante a pandemia e 50% eram responsáveis pelo cuidado de outra pessoa, entre filhos, idosos e pessoas com deficiência. O levantamento também constatou que, por causa do maior tempo da família dentro de casa, as tarefas domésticas também se intensificaram, especialmente, as funções de preparar alimentos, lavar louças e limpar o domicílio (SOF, 2020).

Certamente, o isolamento/distanciamento social trouxe a visibilidade devida para a questão da sobrecarga de trabalho das mulheres. Aqui, especialmente, destaca-se o caso das mulheres que atuaram em *home-office*, que correspondiam a 57% do total de oito milhões de pessoas trabalhando nesta modalidade no Brasil no período entre maio e novembro de 2020, conforme levantamento do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). Destacando-se, ainda com base no levantamento, o adendo de que a maioria das trabalhadoras em *home-office* tinha nível superior (IPEA, 2021).

Quando referido trabalho em *home-office*, deve-se destacar o contexto em que se insere e que é realizado. Sendo em grande parte das vezes efetivado em suas próprias casas, onde esses indivíduos precisam dar conta do trabalho e da casa, ocorrendo na maioria das vezes interferência de problemas familiares que são refletidos no trabalho, destacando as mulheres como maiores prejudicadas, pois as mesmas já enfrentam sobrecargas de atividades a elas postas como inerentes a seu gênero (SOUZA *et al.*, 2023, p. 11).

Portanto, durante o período marcado pelo isolamento/distanciamento social, as mulheres em *home-office* viram as suas vidas profissionais se misturar com o ambiente privado, havendo uma sobreposição de tarefas no cenário domiciliar. Até mesmo, porque as mulheres acumularam novo peso as suas já funções domésticas, pois se tornaram também professoras dos filhos, assessorando nas aulas escolares *online* neste período pandêmico. Desta maneira, o trabalho em *home-office* aproximou mais as mulheres de seus lares, o que trouxe para elas um posicionamento de trabalho doméstico integral (VELASCO, PANTOJA e OLIVEIRA, 2023).

No contexto da pandemia, o aumento de trabalhos de cuidado não remunerados, com as crianças fora da escola, intensificação das necessidades de cuidados de idosos e membros da família doentes, e sobrecarga de serviços de saúde, já está aprofundando as desigualdades existentes na divisão do trabalho entre os gêneros (VELASCO, PANTOJA e OLIVEIRA, 2023, p. 7).

Uma conjuntura que afetou a saúde das mulheres, não só trazendo uma exaustão física, mas, sobretudo, afetando o bem-estar mental (GUIMARÃES JUNIOR *et al.*, 2022). Isto porque, além de sobrecarregadas com seus trabalhos (público e privado), as mulheres estavam isoladas no ambiente de suas casas junto com seus familiares, havendo convivência familiar em demasia, favorecendo o surgimento de conflitos, afetando-as tanto no âmbito profissional quanto familiar. Todavia, não se deve ignorar os efeitos nocivos do conflito interno perene às mulheres, que durante o trabalho em *home-office* na pandemia se intensificou. Tratando-se da tensão delas em dividir o tempo dedicado a família e ao trabalho, situação que faz com que surja o sentimento de culpa quando não se encontra um equilíbrio. Em especial, ficou mais difícil para as mulheres em *home-office* dizer aos filhos que não estavam disponíveis o tempo todo, sobretudo para as crianças, as quais tinham suas mães em casa, porém, não as tinham disponíveis integralmente (LEMOS, BARBOSA e MONZATO, 2020).

Como efeito deste cenário, a saúde mental de mulheres também foi mais severamente impactada na pandemia quando em comparação aos homens: nota-se que a população feminina apresentou maiores índices de sofrimento

psíquico e prevalência de transtornos mentais comuns, como estresse, ansiedade e depressão (GUIMARÃES JUNIOR *et al.*, 2022, p. 26).

Decerto, o *modus operandi* da divisão sexual até mudou com passar do tempo, mas, pode-se dizer, que não mudou tanto assim. (KERGOAT e HIRATA, 2007). Ainda há um cordão umbilical que liga a cultura social do passado com a do presente, o que alimenta e perpetua a desigualdade entre homens e mulheres, em especial, no que diz respeito as tarefas domésticas. Apesar da inserção das mulheres na vida pública como profissionais, o trabalho privado ainda está para elas ligado aos preceitos culturais do passado, inclusive, o retratado por La Barre no século XVII (MATTOS, 2019). Portanto, já passou da hora de ressignificar a relação entre o trabalho e a família, rompendo este estereótipo das tarefas domésticas e do cuidado com a família como sendo um trabalho feminino. A visibilidade do ambiente doméstico em meio a pandemia deu a largada para mudanças de hábitos socioculturais enraizados pelo patriarcado, até mesmo, porque também lançou luz sobre o quanto a mulher é sobrecarregada em sua vida privada (VELASCO, PANTOJA e OLIVEIRA, 2023).

Metodologia

Para espelhar a realidade das mulheres em *home office*, no período marcado pelo isolamento/distanciamento social no combate à pandemia da Covid-19, empreendeu-se uma pesquisa de campo para coletar dados acerca da divisão sexual do trabalho. Trazendo-se, assim, expressões acerca da desigualdade de gênero na sociedade brasileira contemporânea, feitas pelas narrativas de mulheres em *home office*, que encararam a sobreposição dos trabalhos público e privado em momento de excesso de convivência familiar nos lares. Estabeleceu-se, assim, um estudo de ordem qualitativa (LAKATOS; MARCONI, 2010).

As expressões das mulheres em *home office* foram obtidas através de entrevistas de forma remota via plataforma Google Meet, tendo o devido consentimento delas para gravação e uso dos conteúdos obtidos, conforme a Resolução nº 466 de 2012 (BRASIL, 2013). O período das entrevistas foi entre agosto e setembro de 2021. Sendo os resultados obtidos, analisados com ajuda do *software* ATLAS TI, que favoreceu a apuração de dados qualitativos (COSTA e ITELVINO, 2018). Além disso, complementa-se que foram entrevistadas dezesseis mulheres em *home office*, todas moradoras do estado do Rio de Janeiro. Sendo a seleção deste grupo de entrevistadas feita por meio de rede pessoal dos envolvidos, utilizando-se uma cadeia de referência para tanto, como uma espécie de rede. Essa via de execução para cadeia de referência foi estabelecida por meio da técnica conhecida como *snowball*, também divulgada como *snowball sampling* técnica de amostragem (bola de neve). Sobre a pesquisa em cadeia de referência, o formato *snowball* assegura heterogeneidade entre a cadeia investigada, visto que alcança diversas pessoas, o que forma uma população oculta na investigação, sendo “[...] mais fácil um membro da população conhecer outro membro do que os pesquisadores identificarem os mesmos, o que se constitui em fator de relevância para as pesquisas que pretendem se aproximar de situações sociais específicas” (BALDIN e MUNHOZ, 2011, p. 51). A seguir, apresenta-se o Quadro 1, que destaca o perfil das entrevistadas, que foram numeradas para preservação das identidades, trazendo-se assim um panorama sociodemográfico.

Quadro 1: Perfil do grupo de mulheres em *home-office* entrevistadas

Entrevistadas	Idade	Estado Civil	Escolaridade	Setor de atuação	Filhos	Tempo de atuação	Cargo
1	50-60	Casada	Ensino médio	Público	1	28 anos	Técnico de Contabilidade
2	30-39	Casada	Graduação	Privado	0	5 anos	Analista Financeiro
3	>60	Divorciada	Doutorado	Público	5	31 anos	Professora Titular e Pesquisadora

4	30-39	Casada	Mestrado	Público	1	11 anos	Engenheira de Meio Ambiente
5	40-49	Casada	Doutorado	Público	2	4 anos	Pesquisadora
6	40-49	Casada	Doutorado	Público	1	8 anos	Professora adjunta de físico-química
7	50-60	Divorciada	Especialização	Privado	1	5 anos	Analista de gestão de pessoas
8	30-39	Casada	Especialização	Privado	2	3 anos	Analista Financeiro
9	30-39	Casada	Especialização	Privado	0	13 anos	Assistente administrativo
10	40-49	Casada	Especialização	Privado	1	14 anos	Analista sênior
11	30-39	Casada	Doutorado	Público	2	4 anos	Pesquisadora
12	30-39	Casada	Especialização	Privado	0	3 anos	Analista de RH
13	40-49	Divorciou na pandemia	Especialização	Privado	0	9 anos	Gestora de Contas Corporativas
14	30-39	Casada	Graduação	Privado	1	5 anos	Especialista de Qualidade
15	30-39	Casada	Doutorado	Público	1	4 anos	Pesquisador em propriedade industrial
16	30-39	Casada	Graduação	Público	2	12 anos	Técnica de Operação

Fonte: autoras.

A categorização adotada junto aos resultados permeou a questão da divisão sexual do trabalho, captando expressões das entrevistadas acerca da relação delas com a sobreposição dos trabalhos público e privado durante o isolamento/distanciamento social. De tal forma, chegou-se a duas categorias: trabalho/família e exaustão. O Quadro 2 destaca os problemas relacionados com cada uma das categorias.

Quadro 2: Categorias e problemas

Categorias	Problemas
trabalho/família	Conciliação trabalho e família, mudança da rotina familiar
exaustão	Frustração, irritação, ansiedade, emocional, chateação, pânico, medo, carga mental, cansaço, multiuso, pressionada, insônia e sobrecarga

Fonte: autoras.

Porém, as expressões obtidas demonstraram a relação das categorias (trabalho/família e exaustão) com a questão da desigualdade de gênero na divisão do trabalho, em especial no que tange as tarefas relacionadas à vida privada familiar. Num instante inicial, se percebe o excesso de convivência familiar no ambiente residencial devido período de isolamento/distanciamento social no combate à pandemia da Covid-19, destacando-se as expressões:

Nós paramos de passear, passamos a ficar em casa direto. Passeios, viagens tudo cortado (entrevistada 8);

Eu fiquei mais dentro de casa, algumas tensões aumentaram dentro de casa, acelerou em um desgaste no relacionamento que eu acabei me separando (entrevistada 13);

A gente saía muito, com a pandemia isso mudou (entrevistada 16).

Junto ao excesso de convivência familiar, que repercutiu como aumento das tarefas domésticas e como cuidado com os familiares, estava a necessidade de exercer o trabalho em *home-office*. Uma situação que gerou sobreposição dos trabalhos público e privado das entrevistadas, trazendo, sobretudo, o retrato da divisão sexual do trabalho, que ainda coloca como dever das mulheres as tarefas domésticas. As expressões a seguir são emblemáticas para retratar tal posicionamento feminino na sociedade contemporânea:

É possível que continue em *home-office*. Eu até prefiro, até por conta do Isaac [filho], posso cuidar de uma série de coisas em favor dele, não a meu favor. Mas em favor dele, acho que vai ser bom. [...] frustrada não, eu fiquei irada porque eu queria trabalhar e não conseguia. [Como lidou ao ser interrompida no trabalho laboral] mal, fico irada [...] fico com vontade de socar [risos]. Eu me senti assim mais sufocada porque eu sou a dona da casa. (Entrevistada 1);

Muitas vezes, já me peguei louca porque misturei tarefa de casa com tarefa de trabalho (Entrevistada 2);

Difícil compatibilizar, porque antes eu tinha um comportamento, e quando eu chegava no trabalho eu só estava trabalhando, aqui eu continuo sendo mãe, sendo esposa, sendo mãe de cachorrinha e as demandas estão em paralelo aqui. [...] A gente acabou tendo esse conflito aqui, passa a ser tudo ao mesmo tempo. (Entrevistada 4);

A pior dificuldade que encontrei no [*home-office*] foi em relação as crianças (Entrevistada 6);

Olha pra mim, o *home-office* está sendo uma benção, porque eu moro longe do trabalho, [...] eu gastava por dia uma média de quatro horas no trânsito, então esse tempo que eu gastava no trânsito, com o trabalho remoto eu pude me organizar e cuidar melhor da minha rotina, da minha saúde, da parte também de casa. Eu tenho mais tempo para cuidar das coisas e tudo isso refletiu com certeza. A gente fica mais tranquilo, acaba organizando mais as coisas e isso emocionalmente reflete na convivência familiar (Entrevistada 9);

Se eu me levantasse para beber água, ela falava assim ‘acabou mamãe?’ [...], mas depois de um tempo isso estava me fazendo mal. [...] acho que o *home-office* veio para ficar, eu gosto, porque eu faço o meu horário, não tenho que me arrumar, [...], não tenho o deslocamento [...]. No início eu sentia muita falta do contato com as pessoas, mas depois me acostumei. Ah se minha filha voltasse para o dia a dia dela, e tivesse tudo normal eu até ia sentir falta de ir para empresa. Mas assim eu acho que é muito bom ter *home-office*, bem ou mal eu consigo administrar meu tempo e fazer outras coisas também, mas tem um preço. Só que assim, por exemplo, eu posso entrar numa reunião, estar numa reunião no celular, e não estar no meu trabalho, eu estou fazendo outra coisa. Dá para fazer duas coisas ao mesmo tempo (Entrevistada 10);

No começo [*home-office*] a dificuldade foi conciliar as crianças sem nenhum tipo de ajuda em casa e o meu trabalho, o trabalho do meu marido também, tudo isso junto e misturado, eu acho que se misturou tudo. Não tem mais uma separação oficial, estou trabalhando, estou em casa, estou para família, estou com as crianças. Acabou se misturando tudo. No horário do almoço, por exemplo, você podia almoçar no horário que quisesse, acabava o que estava fazendo e parava para almoçar, agora não, meus filhos têm horário para escola, então meio que tenho que tirar hora de almoço, independente do que eu estava fazendo, agora vou parar para almoçar com as crianças (Entrevistada 11);

No início da pandemia eu ficava trabalhando na sala, eu estava ali, toda hora alguém me pedia alguma coisa, já que eu ficava mais perto. [...] acho que estou participando mais por eu estar de *home-office*. Apesar de ter sobrecarregado

mais. Mas o fato de estar mais presente em casa, apesar de ter muita coisa para fazer eu estou aqui, se acontecer alguma coisa; (Entrevistada 16)

Confere-se que o dever de cuidar das tarefas domésticas esteve presente nas expressões descritas, cabendo às mulheres as tarefas privadas devido a divisão sexual imputada pela cultura social ao longo do tempo, tal como esclarecem Matos e Albuquerque (2023); Myrrha (2021), Mattos (2019), Cisne e Santos (2018), Cisne (2015) e Kergoat e Hirata (2007). Sobre tudo, observa-se nas expressões a sobrecarga que há na função de cuidar dos filhos, conforme explicitado por Guimarães Junior *et al.* (2022).

Por sua vez, pôde-se também perceber a consequência desta sobrecarga de trabalho doméstico para as mulheres em *home-office* durante o período de isolamento/distanciamento social na pandemia, conforme retratado por Lemos, Barbosa e Monzanato (2020). As expressões a seguir trazem a representação deste desgaste da mulher durante esta fase de *home-office*, a qual colocou-se concomitante à sobrecarga do trabalho privado, sendo:

Sim [sobrecarregada], eu acho que não tem nenhuma mulher que não tenha se sentido. Porque a gente traz o trabalho para dentro da nossa casa e aí acumula tudo. [...]. Eu também tive crise de ansiedade, devido a isso, mas eu consegui me controlar. Senti-me sobrecarregada e frustrada também de não ter conseguido conciliar o tempo do trabalho e da casa e ter que parar o meu trabalho para ter que fazer isso [tarefas domésticas], enfim, é um sentimento ruim. (Entrevistada 2);

[...] Tive um ataque de arritmia cardíaca no meio da pandemia. Eu não tinha problemas cardíacos, nem nada e eu tive esse episódio, [...] você se sente multituoso, você se sente meio pressionado, mas no final você consegue dar conta. O emocional da gente, passa a ficar até um pouco invasivo, a forma de trabalho mudou muito, a forma de eu lidar do trabalho. (Entrevistada 4);

[...] Meu sono ficou muito prejudicado. Eu não tenho insônia, não tenho problema para dormir, mas eu não tenho tempo para dormir tanto, o mínimo. Mas por outro lado, do trabalho, essa parte de ter que entregar meta e tudo mais e dormir muito tarde, isso para mim foi muito ruim, estou muito cansada mesmo, esgotada. [Como se sente quando é interrompida para afazeres domésticos ou de cuidado] desconfortável, um pouco. (Entrevistada 5);

[...] A tal carga mental, [...] a lista de compras, isso é uma carga mental. Então isso é algo que tá agregado a nossa sociedade, e parece um trabalho pequeno, mas não é, isso desgasta muito a gente. A gente fica o tempo inteiro, imagina, estou na cama deitada para dormir e estou pensando, tudo que eu tenho que organizar, isso afeta o sono, então afeta a nossa saúde. (Entrevistada 6);

[...] Acho que a mulher, que a gente consegue fazer tudo ao mesmo tempo, a gente, com certeza, fica mais sobrecarregada. E na pandemia a gente ficou mais sobrecarregada, mas eu senti muito sobrecarregada sim (Entrevistada 10);

[...] Não tem como se sentir bem, é uma sensação de desconforto de sobrecarga, sensação de que foge do seu controle totalmente” (Entrevistada 15).

O conjunto das expressões coletadas evidenciam o quanto a pandemia de Covid-19, que contou com o isolamento/distanciamento social para o seu combate, trouxe à tona a questão da divisão sexual do trabalho, conforme destacado por Guimarães Junior *et al.* (2022), Lemos, Barbosa e Monzanato (2020) e Velasco, Pantoja e Oliveira (2023). Inclusive, nenhuma das dezesseis entrevistadas confidenciou haver ajuda de seus cônjuges, seja para as tarefas domésticas ou para o cuidado com os filhos/familiares. Um posicionamento que compactua com o levantamento da SOF (2020), que apontou a intrínseca relação das mulheres com a esfera do

trabalho privado durante a pandemia de Covid-19 e o distanciamento dos homens neste contexto. Além disso, afere-se, com o posicionamento das mulheres entrevistadas, que há uma perpetuação da cultura social do patriarcado, situação que alimenta a manutenção da desigualdade entre homens e mulheres, conforme retratado por Mattos (2019), Cisne e Santos (2018), Cisne (2015) e Kergoat e Hirata (2007).

Considerações finais

O estudo teve como objetivo explorar a realidade das mulheres brasileiras em *home office* no contexto da divisão sexual do trabalho durante a pandemia de Covid-19. Para tanto, apresentou expressões de dezesseis entrevistadas, que trabalharam em *home office* durante o período de isolamento/distanciamento social na pandemia de Covid-19.

Conferiu-se com o material obtido que a mulheres entrevistadas tiveram dificuldade de conciliar o trabalho e a família, sobretudo porque precisavam se dedicar aos afazeres domésticos e aos cuidados de filhos/familiares. Não havendo, por parte das entrevistadas, qualquer retratação de algum tipo de divisão coletiva dos afazeres domésticos com seus cônjuges, demonstrando a inexistência da igualdade entre mulheres e homens na esfera de trabalho privado. Situação que demonstra, mesmo no século XXI, a eminência do patriarcado, pois ainda cabe as mulheres como dever as tarefas relacionadas aos cuidados da casa e dos filhos/familiares. Permanecendo, de tal modo, a desigualdade entre gêneros na divisão sexual do trabalho, cabíveis aos princípios de separação e hierárquico.

Portanto, afere-se que as mulheres continuam assumindo os afazeres domésticos mais do que os homens. Isto feito, mesmo por aquelas que entendem a origem desta desigualdade de gênero, enquanto um resíduo de uma sociedade patriarcal que ainda vivemos hoje. Postura que compactua, não só com uma sobrecarga de trabalho sem remuneração, como também com um desgaste emocional, já que se trata de uma forma para evitar conflitos familiares. Sendo uma conjuntura que tomou evidência no curso da pandemia de Covid-19, sobretudo quando ocorrida medida de isolamento/distanciamento social, conforme visto nas expressões das entrevistadas. Assim, conclui-se, que a desigualdade de gênero é uma realidade na conjuntura da divisão sexual do trabalho, visto que as mulheres em *home office* durante a pandemia de Covid-19 mantiveram-se como responsáveis pelo trabalho privado, mesmo com o aumento deste devido ao excesso de convivência familiar no período de isolamento/distanciamento social.

Referências

BALDIN, Nelma; MUNHOZ, Elzira Bagatin. *Snowball* (bola de neve): uma técnica metodológica para pesquisa em educação ambiental comunitária. **Revista de Mestrado em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande**, v. 27, p. 46-60, jul-dez/2011. Disponível em: <<https://periodicos.furg.br/remea/article/view/3193/1855>>. Acesso em: 30 mar. 2023.

BRASIL. **Painel de casos de doença pelo coronavírus 2019 (COVID-19) no Brasil pelo Ministério da Saúde**. março/2023. Disponível em: <<https://covid.saude.gov.br/>>. Acesso em: 20 mar. 2023.

BRASIL. Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Trata de pesquisas em seres humanos e atualiza a Resolução 196. Conselho Nacional de Saúde. **Diário Oficial da União**, 13/06/2013. Disponível em: <<https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>>. Acesso em: 30 mar. 2023.

CISNE, Mirla. **Feminismo e consciência de classe no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2015.

CISNE, Mirla; SANTOS, Silvana Mara de Moraes. **Feminismo, diversidade sexual e serviço social**. São Paulo: Cortez, 2018.

COSTA, Priscila Rezende da; ITELVINO, Lucimar da Silva. Operacionalizando o Método da Grounded Theory nas Pesquisas em Estratégia: Técnicas e Procedimentos de Análise com Apoio do Software Atlas/TI. **Revista Ibero Americana de Estratégia**, v. 17, n. 3, p. 17-40, 2018.

FERRAZ, Amélia Ricon. As grandes Pandemias da História. **Revista de Ciência Elementar**, v. 8, n. 2, p. 1-16, junho/2020.

GUIMARÃES JUNIOR, Sergio Dias; SOUZA, Isabela Cristina Agibert de; NUNES, Débora dos Santos Nunes; LORENTZ, Ana Rute Kutter Batista. Efeitos da pandemia de Covid-19 nos modos de vida e trabalho de mulheres brasileiras: interseccionalidades, desafios e urgências. **Revista Trabalho (En)Cena**, v. 7, p. 2-26, nov/2022. Disponível em: <<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/encena/article/view/14829>>. Acesso em: 15 mar. 2023.

IBGE, INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Estatísticas de Gênero: Indicadores sociais das mulheres no Brasil. **Estudos e Pesquisas, Informação Demográfica e Socioeconômica**, n. 38, 2021. Disponível em <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101784_informativo.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2023.

IPEA, INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Retrato do trabalho remoto**. 15/07/2021. Disponível em: <<https://www.ipea.gov.br/cartadeconjuntura/index.php/2020/11/o-trabalho-remoto-e-a-massa-de-rendimentos-na-pandemia/>>. Acesso em: 15 mar. 2023.

KERGOAT, Danièle; HIRATA, Helena. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 37, n. 132, p. 595-609, 2007.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 7 Ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LE MOS, Ana Heloísa da Costa, BARBOSA, Alane de Oliveira; MONZATO, Priscila Pinheiro. Mulheres em *home office* durante a pandemia de COVID-19 e as configurações do conflito trabalho-família. **Revista de Administração de Empresas - FGV EAESP**, v. 60, n.6, p. 388-399, 2020.

MATOS, Rachel Araújo; ALBUQUERQUE, Cynthia Studart. Questão social, divisão sexual do trabalho e saúde mental na pandemia. **R. Katál.**, v. 26, n. 1, p. 43-53, jan./abr. 2023.

MATTOS, Elizângela Inocência. O discurso feminista no cartesianismo de Poulain de La Barre. **Griot Revista de Filosofia**, v.19, n.3, p.338-349, outubro, 2019.

MYRRHA, Luana Junqueira. Divisão sexual do trabalho. **Centro de Ciências Sociais Aplicadas**, Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), 05/05/2021. Disponível em <<https://ccsa.ufrn.br/portal/?p=13161>>. Acesso em: 15 mar. 2023.

OMS, ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. **Painel da OMS sobre o coronavírus (COVID-19)**. março/2023. Disponível em: <<https://covid19.who.int/>>. Acesso em: 20 mar. 2023.

SOF, SEMPREVIVA ORGANIZAÇÃO FEMINISTA. **Sem parar**: o trabalho e a vida das

mulheres na pandemia. São Paulo: SOF, 2020. Disponível em:
<https://mulheresnapanademia.sof.org.br/wp-content/uploads/2020/08/Relatorio_Pesquisa_SemParar.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2023.

SOUZA, Carlos Henrique Lima; OLIVEIRA, Sarah Vieira Pimentel de; SANTOS, Maria Emanuele do Rego; SILVA, Lays Amorim da; CARNEIRO, Letícia Queiroz; LIMA, Vitória Luiza Cavalcanti de. Impactos sobre a saúde mental dos trabalhadores postos em *home-office* com o advento da pandemia de Covid-19. **Revista de Casos e Consultoria**, v. 13, n. 1, p. 2-18, 2023.

VELASCO, Simone Maria Vieira de; PANTOJA, Maria Júlia; OLIVEIRA, Míriam Aparecida Mesquita. Qualidade de Vida no Teletrabalho Compulsório no Contexto da Covid-19: Percepções entre os Gêneros em Organizações Públicas. **Administração Pública e Gestão Social**, v. 15, n. 1, p. 2-17, 2023.

ZANELLO, Valeska; ANTLOGA, Carla; PFEIFFER-FLORES, Eileen; RICHWIN, Iara Flor. Maternidade e cuidado na pandemia entre brasileiras de classe média e média alta. **Revista Estudos Feministas**, v. 30, n. 2, p. 1-12, 2022.